

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO  
CURSO SUPERIOR EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO  
AGROINDUSTRIAL**

**NELISSA PEREIRA FONSECA**

**A INSERÇÃO DA MULHER QUILOMBOLA NO MERCADO DE TRABALHO EM  
SANT'ANA DO LIVRAMENTO/ RS**

**SANT'ANA DO LIVRAMENTO  
2022**

**NELISSA PEREIRA FONSECA**

**INSERÇÃO DA MULHER QUILOMBOLA NO MERCADO DE TRABALHO EM  
SANT'ANA DO LIVRAMENTO/ RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cassiane da Costa

**SANT'ANA DO LIVRAMENTO**

**2022**

### Catálogo de Publicação na Fonte

F676i Fonseca, Nelissa Pereira.

A inserção da mulher quilombola no mercado de trabalho em Sant'Ana do Livramento, RS. / Nelissa Pereira Fonseca. – Sant'Ana do Livramento, 2022.

54 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cassiane da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade de Sant'Ana do Livramento, 2022.

1. Mulheres Quilombolas. 2. Comunidade. 3. Trabalhos. 4. Lutas.  
I. Costa, Cassiane da. II. Título.

**NELISSA PEREIRA FONSECA**

**INSERÇÃO DA MULHER QUILOMBOLA NO MERCADO DE TRABALHO EM  
SANT'ANA DO LIVRAMENTO/ RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cassiane da Costa

Aprovada em: 09/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Cassiane da Costa  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

---

Prof. Dra. Biane de Castro  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

---

Ma. Rosemeri da Silva Madrid  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final dessa monografia vejo a minha evolução e percebo que nada disso teria acontecido sem o apoio de pessoas tão especiais que a vida me presenteou. Agradeço principalmente aos meus pais, Nelson Mateus Fonseca e Vera Regina Silveira Pereira, por serem meu porto seguro e os meus maiores incentivadores. Aos meus irmãos e restantes dos familiares obrigada pelo apoio, respeito e por me amarem independentes de tudo.

A minha colega, amiga e posso dizer irmã, Caroline Bentim, que completou essa jornada acadêmica comigo, obrigada por todas as vezes que precisei esteve ao meu lado carinho, todo suporte e atenção ao longo desses anos. Sem vocês não seria quem eu sou. A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cassiane da Costa, minha gratidão, por sempre se fazer presente em cada etapa da pesquisa, pelos estímulos e por sempre mostrar que somos capazes. As mulheres da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada por aceitarem participar de tudo, por mostrar suas histórias e por me receberem tão bem.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, por colocar pessoas tão especiais em meu caminho que me acolhem e incentivam, hoje vejo que a felicidade vai muito além de coisas materiais e que nossas maiores riquezas se encontram de maneira imaterial. Essa conquista é nossa, eterna gratidão a vocês!

## RESUMO

Nessa monografia busquei entender como as mulheres da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada de Sant'Ana do Livramento/ RS se inserem no mercado de trabalho. Foi feito o detalhamento de suas lutas de vidas em perspectivas de seus trabalhos. Foi realizado reconhecimento de quem são essas mulheres, suas histórias e a localidade onde estão inseridas. Para extrair essas informações realizei oito entrevistas com auxílio de um roteiro com dezenove questões. No decorrer da pesquisa foi possível identificar a discriminação e preconceito vivido por mulheres quilombolas em seus trabalhos, junto a uma série de esforços feitos que foram necessários para a sobrevivência das entrevistadas. Surgiram relatos que apontavam para boas condições de trabalho e outros para trabalho infantil, trabalho em troca de comida e roupas, trabalho em condições degradantes, baixa remuneração e invisibilidade dos trabalhos realizados pelas mulheres, etc. Também foi apontado por elas oportunidades que a associação quilombola da comunidade poderia desenvolver para potencializar a renda das mesmas.

**Palavras-chave:** Mulheres quilombolas; comunidade; trabalhos; lutas.

## **ABSTRACT**

In this monography, I sought to understand how women from the Quilombola Community Ibicuí da Armada de Sant'Ana do Livramento/RS are inserted in the labor market. It was done a detailing in their life struggles in perspective of their work. They were recognized, who they are, their stories and the location where they are inserted. To achieve these informations, I conducted eight interviews using a script with nineteen questions. During the research, it was possible to identify the discrimination and prejudice experienced by quilombola women in their work, as well as the efforts these women have to do to survive. Reports emerged that pointed to good working conditions and others to child labor, work in exchange for food and clothing, work in degrading conditions, low pay and the invisibility of work performed by women, etc. These women also pointed out opportunities that the community's quilombola association could develop to increase their income.

**Keywords:** Quilombola women; community; works.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 4
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 5
<b>4</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	17
4.1	Comunidade Quilombola: ancestralidade e resistência.....	17
4.2	Mulheres Quilombolas e Suas Lutas.....	23
4.3	Mulheres quilombolas e trabalho .....	26
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	31
<b>6</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 2
6.1	Mulheres Quilombolas de Ibicuí da Armada: identificação e vivencias.....	32
6.2	O preço de suas lutas.....	38
6.3	Valorização dos trabalhos realizados por Mulheres Quilombolas.....	46
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b> 2
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	54
	<b>ROTEIRO DE QUESTÕES</b>	55

## 1. INTRODUÇÃO

A palavra mulher para muitos apenas remete a um ser humano do gênero feminino, com desejos, sonhos e metas de vida já traçadas por todos durante anos. O peso de ser uma mulher nunca foi passado de forma clara a nós mulheres, antes de sentirmos na pele como realmente é. A forma de ser “uma mulher perfeita” nos foi imposto para ser seguida desde o nosso nascimento até os nossos últimos suspiros. Como se tudo isso não bastasse constantemente somos agredidas, abusadas, mortas. “Se o feminicídio de forma geral avança, as Pretas são as que mais morrem. Isso é fato” (PIEDADE, 2017, p. 14).

O peso de ser de ser mulher, ter uma família, principalmente marido e filhos, nos atribuí o que deve ser feito para o resto de nossas vidas. Tudo isso sendo visto como uma obrigação, e por ser algo habitual não é visto, muito menos valorizado. A mulher suporta o peso de sofrer inúmeros julgamentos, preconceitos e discriminações, muitas vezes por serem negras, pobres, mães e mesmo assim lutam como se nada as abalasse.

Contudo, essa situação de opressão é mais forte para mulheres trabalhadoras e negras. A falta de conhecimento de nossos direitos e de poucos recursos que estão disponibilizados às mulheres, muitas vezes, nos impossibilitam de nos desenvolver de maneira autônoma. Aceitando assim, ações que jamais deveriam ser aceitas por ninguém. A maior parte das famílias que vivem em situações de vulnerabilidade econômica são conduzidas por mulheres. Isso acontece, devido à falta de rede de apoio, desigualdade social e a invisibilidade da mesma. As famílias em condições de miséria na maioria das vezes são constituídas por mulheres e seus filhos, muitas vezes lidam com o abandono de seus companheiros, se tornando unicamente responsáveis por manter e cuidar de suas famílias.

Mesmo havendo um avanço nos direitos das mulheres nas últimas décadas devido à luta organizada das mulheres, ainda existe milhares de problemas a serem resolvidos. Com a mulher rural isso não é diferente, por mais que houve esse avanço ainda é necessário avançar muito para alcançar a equidade de gênero (igualdade de direitos entre mulheres e homens).

A desigualdade e a vulnerabilidade social no campo costuma ser ainda maior do que na cidade devido os valores e a posição hierárquica do homem nesse

contexto. A mulher no campo tem a função de conciliar trabalho no campo, doméstico e cuidado de filhos(as) e doentes. A participação da mulher rural nos trabalhos e nos afazeres da sua propriedade é vista como uma extensão do trabalho doméstico, como por exemplo todas as mulheres da comunidade cuidam dos afazeres domésticos, além de cuidar do pátio, pequenas criações de animais, pequenas plantações, voltando ao ponto da invisibilidade de seu trabalho. Outro ponto que podemos evidenciar são as violências sofridas, como agressões e ameaças, na maioria das vezes cometidas por seus companheiros. Levando em conta que mulher do campo também não costuma ter autonomia financeira, percebido inclusive na obtenção de crédito para investimento agrícola, faz com que ela, muitas vezes, seja dependente do agressor. A dificuldade no acesso às assistências necessárias, faz com que isso passe despercebido. Por conta de que os serviços prestados a proteção a mulher muitas vezes nesses casos se tornam inviável devido ao acesso, já que a mulher tem que ir até a cidade para fazer a denúncia, segundo Costa (2018). O êxodo, o envelhecimento e a masculinização têm sido sentidos no rural. A sucessão das propriedades geralmente não é passada a elas, evasão da mulher dos territórios rurais muitas vezes se dá por conta da desigualdade de gênero e desvalorização de seus trabalhos.

Como se tudo isso não bastasse, ainda tem o grande e maior peso que é ser mulher trabalhadora negra. A mulher negra sofre todos os problemas que acometem as mulheres brancas, só que as opressões são ainda maiores. Uma grande diferença entre uma mulher negra e uma mulher branca, inicialmente é a forma que são vistas. A mulher é vista na sociedade patriarcal como submissa ao homem, já a mulher negra trabalhadora é vista como submissa a todos e todas. A luta da mulher branca em querer trabalhar, ter um salário igual ao do homem é diferente da luta da mulher negra que sempre foi obrigada a trabalhar, muitas vezes explorada e em troca apenas da alimentação básica para si e seus(suas) filhos(as).

Ela luta por sobreviver, luta por alimento, por uma vida com as mínimas condições possíveis de viver. Nessa sociedade patriarcal brasileira, a mulher branca é vista de maneira passiva, encantadora, delicada e preservada. A mulher negra é vista até hoje como escrava, um símbolo sexual, não é vista de uma maneira digna e sim de maneira marginalizada, perversa e desumana. As longas jornadas de trabalho e lutas frequentes por suas sobrevivências marcam suas histórias. Essa

diferença vai muito além do que a cor da pele, os pensamentos escravocratas estão mais presentes na vida de todos(as) que se imagina.

As mulheres quilombolas carregam em sua vida marcas do seu passado e o peso e todas as mulheres citadas acima. Símbolo de resistência por ser mulher, negra e trabalhadora, leva consigo seu vínculo com a terra, saberes e costumes. Ricas em conhecimentos, trazem sua ancestralidade marcada por raízes e antepassadas(os) que enfrentaram questões graves, como escravidão, falta de acesso a coisas básicas, esquecimento e desvalorização. A desigualdade faz parte de suas vidas. O pré-julgamento por ser mulher, negra, pobre e muitas vezes mãe, faz com que elas tenham papéis a cumprir a partir do possível e da necessidade, sem poder decidir e ter o poder de escolha. Desta maneira, as comunidades quilombolas da Pampa Brasileira, necessita o fortalecimento de oportunidades para que estas mulheres se desenvolvam financeiramente e possam assim, ter seus trabalhos valorizados.

Essa pesquisa foi desenvolvida em Sant'Ana do Livramento, município do interior do Rio Grande do Sul, que fica localizada aproximadamente 490 km da capital Porto Alegre e faz divisa com Rivera, no Uruguai. Este estudo foi realizado na Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada que fica localizada no rural da cidade há 50 km do centro, sendo dez de estrada de chão costumeiramente em péssimas condições de trânsito. A comunidade conta com em média 30 famílias remanescentes quilombolas. O histórico da comunidade é voltado a muitos valores, contos e tradições deixados a eles(as), que vem sendo esquecidos ao longo tempo.

Algumas comunidades quilombolas foram formadas por escravizados(as) que se refugiavam após escaparem das fazendas. Outras não foram redutos de pessoas escravizadas que fugiam de estâncias, mas comunidades formadas a partir de pessoas escravizadas que foram libertas ou conseguiram alcançar sua liberdade e viveram ali, dando origem à comunidade. No caso da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, o estudo antropológico realizado mostra que ela tem na sua origem Manoel Vaqueiro, homem que foi escravizado e posteriormente liberto. Assim, a comunidade quilombola é reconhecida pela Fundação Zumbi dos Palmares. Atualmente essas comunidades são centros de símbolo de força e resistência negra onde cultuam as tradições e saberes passados por seus ancestrais. Esses territórios tem viva a identidade deixada aos seus remanescentes e a nós, lugar onde mostram a valor real da terra e de tudo que as cercam.

O Rio Grande do Sul foi um dos estados que mais utilizou o trabalho escravo, deixando um triste histórico de exploração da população negra no Brasil com marcas de um passado cheio de sangue, tristeza e invisibilidade. Segundo Mazurana (2017), a utilização basicamente foi nas charqueadas, nas lidas campeiras e nos trabalhos domésticos.

A Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada atualmente não detém apoios e políticas públicas necessárias para o desenvolvimento do território, localidade conta com estradas de difícil acesso em péssimas condições. A comunidade possui uma escola municipal de ensino fundamental, onde inúmeros vezes tiveram problemas na realização das aulas por conta dos ônibus que levam professores/alunos não conseguirem realizar o trajeto até a escola. Para os(as) jovens cursarem o ensino médio, é necessário se deslocarem até a cidade e esse deslocamento contam com ônibus, no qual houve diversas faltas. Nesse ano, alguns(algumas) jovens da comunidade não conseguiram cursar o primeiro ano do ensino médio por falta de transporte escolar. Assim, quem tem condições acaba tendo que morar na cidade, irem até a cidade e voltarem para comunidade todos dias por conta ou são obrigados(as) a abandonarem os estudos.

A luta atualmente da comunidade quilombola é em defesa de suas terras, paisagens e recursos naturais que vem sendo ameaças cada vez mais pelo avanço do agronegócio. Nesse contexto, a soja vem se expandindo no entorno da comunidade, sendo os agrotóxicos utilizados chegam e impactam fontes de água, frutíferas e outras plantas, pessoas e animais. Além disso, muitos dos saberes vão se perdendo ao longo do tempo. As benzedeiras, parteiras, medicina com plantas medicinais e curandeiras eram práticas desenvolvidas geralmente por mulheres que não foram passadas aos jovens diversos motivos, principalmente pela falta de interesse. Esses valores atribuídos essas práticas valorização as suas terras e histórias que vão sendo apagadas com o tempo.

O histórico das mulheres da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada está relacionado com trabalhos domésticos, produção de alimentos para o autoconsumo da família, cuidado de crianças, idosos(as) e enfermos(as). Algumas também fazem artesanatos em lã, crochê, doces, panificados, etc, comercializando parte da produção. Além disso, muitas prestam serviços fora da propriedade em fazendas da região, seja em serviços domésticos ou campeiros. Atualmente, as mulheres da

comunidade estão se organizando em duas iniciativas: produção e venda de bonecas negras e constituição de uma agroindústria de panificados na sede da comunidade. Em ambas as iniciativas, a Incubadora de E.E.S Fronteira da Paz, da qual a UERGS faz parte, é parceira. A Incubadora de Empreendimentos Economicos e Solidários Fronteira da Paz, atua em Sant'Ana do Livramento e região, prestando assessoria a grupos e empreendimentos ligados a economia solidária, o auxílio é dado em diversos momentos, podendo ser desde a formação até a conquista da autonomia de cada grupo. A Incubadora é formada por professores, tutores e bolsistas pertencentes a UNIPAMPA, UERGS e IFSUL.

## 2. OBJETIVO

**2.1. Objetivo geral:** Entender de que forma as mulheres da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, Santana do Livramento/RS, se inserem no mercado de trabalho.

**2.2. Objetivos específicos:**

- Conhecer quem são essas mulheres e suas histórias;
- Reconhecer a localidade que elas estão inseridas;
- Compreender as dificuldades e lutas que essas mulheres enfrentam para entrar no mercado de trabalho e de qual maneira isso acontece;
- Entender de que forma pode ser promovida a valorização dos trabalhos dessas mulheres quilombolas.

### 3. JUSTIFICATIVA

Através do convite de parte dos professores UERGS, eu inicialmente conheci a comunidade Ibicuí da Armada, durante o Festival Binacional Enogastronômico. Por conta da minha vivencia no local, acabei vendo o apego daquelas pessoas a sua comunidade, a importância, o amor e o cuidado que os remanescentes tem com o seu local. Segundo Biehl (2015, p. 24), “a relação com a natureza é muito forte e presente junto à comunidade.” Em cada fala, cada olhar, cada gesto que realizam em uma habitual conversa, transparece a importância da terra que os dá a sobrevivência, os sustenta e os alimenta a força e a fé que foi passado a eles. A terra que a serve e a quem são servidos e a mesma onde dá a oportunidade de viver e sobreviver, ambos os lados, a nós pessoas desde suprimentos de nossas necessidades ao ar que respiramos, a terra com o nosso cuidado e consciência em cada afazer.

Ao longo dos anos dentro na universidade passei a ter um novo olhar ao mundo, que nunca tinha percebido. A UERGS foi essencial e crucial para formação da pessoa que sou hoje. Os saberes passados de todos os professores que tive a honra de receber, junto, as dificuldades que passamos por ser mulher, despertou em mim a vontade de conhecer mais sobre o assunto. Ao me deparar com diversas formas de vivencias das mulheres em diferentes e desiguais condições, me deixou impactada. O assunto a mulher rural negra me mostrou que temos magnitudes completamente desiguais, devido a sua trajetória na construção social.

Devido ao desequilíbrio nos direitos, nas oportunidades e no reconhecimento necessário na vida das mulheres quilombolas me faz pesquisar e me certificar o que acontece em suas vidas e nos seus trabalhos desenvolvidas na comunidade. As suas lutas são diárias, e invisíveis pelo os olhos da grande maioria. E a vulnerabilidade que vivem também são. A invisibilidade do trabalho da mulher é um dos pontos cruciais, por mais que complemente a fonte de renda de casa não é valorizado. A falta de informações sobre suas vidas me fez ir atrás para deixar comprovado neste estudo, assim, diminuindo parte desta lacuna.

E necessário entender como as mulheres da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada se inserem no mercado de trabalho em Sant’Ana do Livramento. Compreendendo quem são essas mulheres, onde vivem, suas

histórias e lutas, entendendo as suas inseguranças e dificuldades que enfrentam para entrar no mercado de trabalho, contribuindo assim para valorização e visibilidade, além de estar encorajando as mesmas, buscando equidade e o fim da opressão por raça, gênero e classe social. Por esse principal motivo o trabalho é voltado para evidenciar a importância e necessidade da mulher negra, mostrando parte das dificuldades que enfrentam durante suas vidas. Deixando registrado suas histórias, expondo os seus passados tão cruéis, e seus efeitos que são sentidos até os dias atuais.

Da mesma forma, cabe mencionar que existem poucos estudos sobre as mulheres quilombolas na Pampa Brasileira, como o de Ana Rita Martins, “Mulheres quilombolas da pampa: ancestralidade, negritude e resistência”, realizado no ano de 2020. No seu estudo a autora Martins (2020), retrata a vida de mulheres negras em suas comunidades quilombolas na pampa, para compreender suas lutas diárias, busca conhecer mais a origem das mesmas, estudar suas trajetórias de vida, assim, entendendo a real importância e necessidade. No decorrer do texto é exposto as batalhas constantes destas mulheres, mostrando a magnitude da mulher quilombola, com um peso inestimável pelo estudo dessa identidade territorial deste local onde não há nada a mais do que lembranças e marcas que muitas vezes são ocultas, esquecidas e desvalorizadas. É necessário que a universidade através da pesquisa, do ensino e da extensão, contribua com a diminuição à invisibilidade que historicamente foi criada sobre as comunidades quilombolas do território, especialmente sobre as mulheres.

## 4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 4.1 Comunidade Quilombola: ancestralidade e resistência

Conforme já foi mencionado na introdução, a comunidade quilombola Ibicuí da Armada está localizada no município de Sant'Ana do Livramento, no RS. Fica a cerca de 55 km de distância do perímetro urbano da cidade, sendo 10 km de estrada de chão de difícil acesso. Conforme Rubert (2005), a comunidade é constituída por em média 30 famílias renascentes de quilombolas e com um grande número de aposentados(as). A principal atividade desenvolvida é a pecuária, assim com trabalhos como diaristas e empregados(as) formais nas fazendas dos arredores da comunidade.

As comunidades quilombolas são o retrato de muito sofrimento e lutas de pessoas desde o início de suas histórias, que duram até os dias atuais. Ao mesmo tempo, são locais de riqueza cultural e de resistência.

As comunidades quilombolas rurais estão presente em todo estado do Rio Grande do Sul, são grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (LEAL, 2016, p. 19).

Após o início da escravidão, segundo Rubert (2005), nas últimas décadas do século XVI, negros e negras foram trazidos a força da África para serem vendidos, dando início a escravidão no Brasil. Esse povo trouxe consigo ricas tradições, culturas, costumes e saberes.

De acordo com Costa (2016), a região sul do Rio Grande do Sul foi onde teve a maior concentração de escravos e atualmente o que possui o maior número de quilombos, por conta do seu histórico. Isso acontece devido ao resultado da utilização da mão de obra de pessoas negras nas estancias e nas charqueadas, a qual foi a atividade econômica que mais utilizou a mão de obra escravizada no RS.

Conforme Rubert (2005), as charqueadas tiveram início em 1790 no Rio Grande do Sul, inicialmente em Pelotas, ficavam localizadas próximos as margens dos rios para facilitar seu transporte, que era realizada por via fluvial. As charqueadas foram empreendimentos rurais para onde eram levados gados para

realizar a produção de charque e produtos derivados. Os charques são carnes, principalmente bovina, salgadas e secas ao sol, para que possam se manter conservado por mais tempo para o consumo.

Segundo Fiabani (2017), as charqueadas não eram consideradas como uma opção de trabalho aos homens brancos, tanto por aqueles desfavorecidos financeiramente como por quem não possuíam terras, devido ao exaustivo trabalho e horas trabalhadas. Desta maneira, restando apenas o trabalho de homens escravizados para cumprir a mão de obra necessária. Rubert (2005), conta que esses trabalhadores estavam presentes em todas as etapas do processo de produção dos produtos, onde se estendia há mais de 16 horas de trabalho pesado diariamente com muita utilização de aguardente. Em momentos de menor produção os senhores achavam novas atividades para os cativos desempenharem, como construção civil, produção de tijolos e telhas.

Além de péssimas condições de trabalho e excessivas horas trabalhadas, a alimentação desses trabalhadores eram escassas, as violências realizadas como espancamento, estupros, castigos e ameaças dos senhores faziam parte de seus cotidianos. “São fartos os registros de espancamentos, estupros, ferimentos através de objetos cortantes da parte dos senhores e seus comandados (feitores).” (FIABANI, 2017, p. 59). Como conta Rubert (2005), a mão de obra escravizada foi utilizada em todas as atividades produtivas realizadas até o ano de 1888. Após isso foi criada a lei Áurea, mas a exploração da mão de obra negra é uma constante até os dias atuais.

De acordo com Fiabani (2017), não tem uma data precisa da chegada dos cativos no Rio Grande do Sul. Mas existem vários relatos na comunidade quilombola sobre a chegada dos homens escravizados em Santana do Livramento. Conforme Rubert (2005), Manoel Vicente Vaqueiro foi um dos ancestrais da comunidade quilombola, era filho de escravo e teria recebido as terras deixadas por um estancieiro no Ibicuí da Armada. Segundo Costa (2016), as terras deixadas aos escravos eram como forma de pagamento dos seus trabalhos/ indenizações, devido que as mesmas na época não tinham muito valor. Além dessas “deixas” de terras, os filhos de Manoel Vaqueiro comparam mais terras através de cabeças de gado que adquiriram trabalhando com a lida campeira. No livro relata também que os

remanescentes da comunidade cresceram ouvido pelos seus familiares que os pais de Manoel Vaqueiro teriam viajado em navio negreiro.

Conforme Costa (2016), as principais descendências presentes que constituem a comunidade quilombola Ibicuí da Armada são das famílias Vaqueiro, Costa, Machado, Xavier, Teixeira e Santos. De acordo com Rubert (2005), a comunidade quilombola possui antepassados negros, no entanto, de origem bugre (indígena) e castelhana. A junção dos indígenas com os homens escravizados ou seus descendentes acontece devido à identificação e o contexto exclusão das sociedades indígenas, devido ao avanço do colonizador e práticas discriminatórias. Com os espanhóis acontece nas comunidades localizadas na metade sul do Rio Grande do Sul e também por resultado de disputadas de espanhóis e portugueses. A família Vaqueiro atualmente detém do maior número de descendentes na comunidade, o sobrenome Vaqueiro foi dado devido às habilidades que detinham com o gado, que se assegura até hoje. Segundo Rubert (2005), a família Xavier iniciou através de Gumercindo Xavier que foi filho de uma mulher escravizada que trabalhou em uma fazenda da localidade, onde deixaram seus descendentes e terras compradas com o dinheiro de seus trabalhos.

A pesquisa intitulada “Saber popular na comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, Santana do Livramento/RS: o uso das plantas medicinais”, foi realizada por Biehl (2015). Nela, o autor buscou conhecer e compreender o saber da comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, na utilização de plantas medicinais e a importância da mesma para localidade e em suas vidas. Ele tinha o objetivo conhecer e compreender o saber da comunidade na utilização de plantas medicinais e a importância da mesma para localidade e em suas vidas. Na leitura dessa monografia, percebemos o esquecimento da comunidade Quilombola, a injustiça que sofrem diariamente e suas conquistas decorrente de muito trabalho e esforço. Através de um pequeno estudo que foi iniciado um apoio na localidade, essa comunidade foi identificada e conhecida por apenas parte destas plantas medicinais. Desta maneira iniciou parte do resgate da prática da utilização dessas tão importantes plantas.

Segundo Biehl (2016), as plantas medicinais, também conhecida como jujos pelos(as) moradores(as) da comunidade, fazem parte da cultura Quilombola, assim como as parteiras e as benzedeadas. Durante a entrevista em seu trabalho foi visto a

importância das plantas medicinais para população local, a utilização desses jujos eram extremamente necessários, levando em conta que a localidade rural e de difícil acesso, evitando que esses(as) moradores(as) precisassem se deslocar até a cidade, para a sua cura ou de sua família. No texto é mostrado a vasta variedade de jujos utilizados, suas formas de preparos e suas indicações. Em um dos pontos de entrevista realizada com morador foi citado o termo 'chapuerada', que é um composto de nove ervas usa para o tratamento da gripe, que é muito utilizado na comunidade. Através dos relatos recolhidos por Biehl (2015), é visto a confiança que essas pessoas tem na promoção da cura dessas plantas, e nenhum deles troca a utilização dessas plantas por algum remédio farmacêutico. Na entrevista com uma mulher Quilombola ela afirma que "juntando a fé e as plantas temos a cura", mostrando sua confiança e crença nesse conhecimento tão admirável.

Esse saber é apenas utilizado pelos(as) mais velhos(as) da comunidade e deixados de lado pelos(as) mais jovens, pois, de forma geral, não acreditam em sua eficácia e preferem recorrer a alguma farmácia. Devido a isso, o saber dessa cultura pode acabar, assim como as parteiras e benzedadeiras. Segundo Biehl (2016), o ato de benzer também era muito utilizados por todos(as) junto com os jujos, mas devido à escassez de quem tenha esse saber atualmente, não é algo mais frequente. Esses saberes são muito comuns entre eles(as), porém a desvalorização e o desinteresse por essas plantas, comprometem esses conhecimentos e essa herança deixadas pelo os seus antepassados. Nas informações recolhidas no trabalho de Biehl ficou explicito o amor que cada um(a) tem por suas plantas e seu solo, respeito a sua localidade, sua história e de seus(suas) antepassados(as), tudo isso contado de uma maneira simples, carregada de muitos saberes e de orgulho de sua cultura.

A autora Janice Leal realizou seu trabalho de conclusão de curso no ano de 2016, abordando o tema "Saúde das Famílias do Quilombo do Ibicuí da Armada, no município de Sant'Ana do Livramento/RS". No seu estudo concluiu que a doença que mais afeta a população da localidade é a Hipertensão Arterial Sistêmica. A autora realizou entrevistas em famílias do quilombo, que onde no mínimo um membro da família possui ou tem histórico familiar da doença. O objetivo do seu estudo era entender como a comunidade é orientada em relação a sua saúde, descrevendo as dificuldades que enfrentam para a realização das suas consultas médicas, evidenciando a importância que o agente de saúde tinha para comunidade.

O agente de saúde estava próximo às famílias, auxiliava no desenvolvimento da localidade e na qualidade e perspectiva de vida local. Após os recolhimentos de dados da autora, foi vista que a Hipertensão Arterial Sistêmica é a principal doença crônica no Brasil, assim como na comunidade Ibicuí da Armada. Essa doença prevalece com maior frequência e complicações em pessoas negras, por conta que os afrodescendentes dispõem maior índice do desenvolvimento da doença por possuírem alteração na retenção de sódio no corpo, uma dessas justificativas são os fatores genéticos (LEAL, 2016).

Alguns dos pontos predominantes a restrição da comunidade no acesso à saúde é o caminho percorrido até ele, a falta de agentes de saúde. A comunidade quilombola Ibicuí da Armada, desde 2014 fazia parte do programa Agentes Comunitários de Saúde e Estratégia da Saúde da Família. A ida desses profissionais até a comunidade era muito vaga e não atendia à demanda necessária da localidade, além de que a ida frequentemente desses profissionais se torna inviável devido ao distanciamento da comunidade e o baixo número de profissionais da saúde. O profissional utilizava o veículo próprio para percorrer essas longas estradas rurais no acompanhamento das famílias, e relatava também que não recebia nenhuma ajuda de custo. A comunidade contava com um longo percurso com estradas rurais em condições precárias, que dificultam ainda mais o acesso tanto da população até o centro de saúde como das equipes até a comunidade.

Após a realização do levantamento de dados durante a entrevista das cinco famílias, a autora verificou sete portadores da Hipertensão Arterial Sistêmica, que estão nas idades entre 39 a 86 anos, a doença predomina no sexo feminino. Apenas um deles fazia o seu acompanhamento médico de uma vez ao mês, se fosse necessário de quinze em quinze dias, outro vai ao médico só quando não se sente bem, o restante só tem acompanhamento quando o agente de saúde vai até a comunidade. Em média essa visita acontecia de 3 a 4 meses, tornando inevitável o monitoramento adequado dessas pessoas. Outro ponto importante que foi percebido no estudo, que além de fazerem os seus tratamentos com seus medicamentos farmacológicos, todos fazem o consumo de plantas medicinais (LEAL, 2016).

O autor Jéferson Costa realizou sua monografia sobre “Território negro em Santana do Livramento: espaços de memória, representações socioculturais e emancipação social da comunidade quilombola Ibicuí da Armada”, em 2016. O seu

trabalho buscou analisar as histórias e a sociocultural, nos processos da construção da comunidade quilombola Ibicuí da Armada. Com o objetivo de garantir a o reconhecimento identitário da comunidade cultural e social, assim como, as relações com seus antepassados e seus laços sociais em comum.

No seu trabalho foi concluído que a comunidade detém se auto reconhecimento, porém não alcança seus direitos por conta a exclusão social devido ao seu histórico. É visto em seu trabalho, assim como nos trabalhos dos autores anteriores, a força e a coragem desta comunidade, que lida com desconhecimento da sua cultura e sua história. Na sua conclusão Costa (2016), declara quando se investiga a formação histórica do Rio Grande do Sul, percebe informações que não condiziam com a realidade da participação da população negra, mostrando em sua história quase nula a atuação do negro nessa construção. Fazendo que ainda exista a opressa do sujeito negro e inferior, registrado por conta da colonialidade deixada ainda viva. Costa (2016) afirma que:

[...] afrontando todos estes estereótipos estigmatizantes, que buscam jogar o negro a um lugar menor na estrutura social, encontrei na comunidade remanescentes de Quilombo do Ibicuí da Armada, a presença viva da resistência centenária das populações excluídas e luta contra a opressão. Visualizei lá processos de emancipação social e formas enriquecidas de alteridade, marcados, sobretudo, pela afirmação e valorização de uma identidade étnica que representa um patrimônio cultural em busca de cidadania plena. Sabendo que a democracia de nosso país ainda está em construção, tenho absoluta certeza, de que a participação desta comunidade negra dentro deste processo, vem a contribui muito, na soma, com sua diferença, no resultado de um processo para a busca de igualdade (COSTA, 2016, p.68).

Nos relatos coletados por Costa (2016), os(as) moradores(as) da comunidade são descendentes de Manoel Vicente Vaqueiro, que foi trazido com parte de sua família para trabalhar nas fazendas da família Bragança. Costa (2016) relata que a Associação de Remanescentes de Quilombola Ibicuí da Armada começou com iniciativa do povo da localidade na administração de Antônio Eduino, na época presidente da comunidade, que foi o que explicou ao povo o início da luta que traz benefícios a eles(as) e seus(suas) descendentes. Segundo Costa (2016), o trabalho iniciou em 2002, em recebeu a visita da antropóloga governamental Rosane Rubert e em 2004 onde foi comprovada a existência de Manoel Vaqueiro e da sua família. Após isso iniciou o processo da documentação das pessoas presentes na comunidade aonde parte deles não havia, contando com o auxílio rural da EMATER

e dos agentes da prefeitura. A comunidade foi fundada em 2009, titulada pelo INCRA. A luta segue.

#### **4.2 Mulheres Quilombolas e Suas Lutas**

A mulher já tem suas desvantagens na sociedade, desvantagens essas criadas a partir da desigualdade de gênero. A mulher negra não sofre apenas a desigualdade de gênero, mas também, de raça e de classe. Para Moraes (2018), a mulher negra desde a colonização foi vista como objeto, sendo dívida em duas categorias. A primeira como Mucana, sendo a negra que trabalha como doméstica, a segunda como mulata, sendo vista como símbolo sexual, ambas serviam aos interesses dos senhores, ditos superiores. O início da identidade nacional foi mascara por uma falsa ideia de formação, excluindo o papel principal que é o da mulher negra. Segundo Carneiro (2003), a formação tanto América Latina quando do Brasil aconteceu devido a exploração sexual da mulher negra.

Para Carneiro (2003), a mulher negra nunca se encaixou nos discursos feministas, essa diferenciação pode ser percebida em sua fala:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2003, p.50).

Segundo Piedade (2017), o movimento feminista foi pensado para mulheres brancas e de classe média. Não era pensando em diferentes tipos de mulheres, principalmente mulheres negras. Conforme Piedade (2017), o feminismo passou a ter visões mais amplificadoras para diferentes tipos de mulheres a partir do ano de 1980. Mas a dor que essas mulheres negras carregam devido a questões de classe, racismo e o machismo não eram sentidas e muito menos vistas de maneira correta.

A ausência da visão volta para as questões fez com que a autora Piedade (2017), desenvolvesse uma nova palavra. Palavra esse que representasse o vazio, o abandono, o peso e principalmente a dor da mulher negra. Dororidade, significado daquilo que foi calado, escondido e deixado de lado. Dororidade é a fala da dor passada pelo racismo, pela lacuna que ocasiona a exclusão da mulher, mulher negra, do machismo, da pobreza, das explorações sofridas. Dororidade é o sentido de tudo aquilo sofrido pela mulher, mas com o agravamento e o peso da dor da mulher negra. Essas dores compartilhadas pelas mulheres negras trabalhadoras, conforme Piedade (2017) são transformadas em potência. Essa potência nada mais é do que a agência dessas mulheres transformando a realidade.

Carneiro (2003), afirma que o feminismo negro é necessário para preencher essa lacuna deixada pelo racismo junto a hierarquia de gênero e classe da sociedade. Ou seja, ele luta na questão de gênero e raça desenvolvendo uma nova perspectiva a essas mulheres desprivilegiadas, lutando para garantir a equidade entre todos.

Para Gonzalez (1984), o sexismo e o racismo estão estagnados no tempo antigo, sem uma melhora real apenas uma transformação mascarada do passado para aonde estamos hoje. Gonzales, Lélia (1984), mostra que existe sim padrões, esses padrões são feitos para negras e negros se encaixarem no novo discurso racista e sexista, onde as consequências sobre caem ainda mais em cima da mulher negra.

Essas mulheres negras carregam ainda os seus diferentes papéis exercidos no contexto da criação da nossa cultura brasileira. Gonzalez (1984), descreve que essa mulher poderia ser vista de três maneiras: a primeira é a mucama, mulher negra que presta serviços a uma determinada família. a segunda é a mãe preta que desenvolve todos os afazeres de mãe que não era realizado pela mãe biológicas e branca. A terceira e a domesticas, podemos dizer que ela é a mucama nos dias atuais. E a mulata que é mesma mucama sendo um símbolo sexual.

Para Martins (2020), falta de oportunidades devido aos pensamentos escravocratas continuam presentes até hoje no dia a dia de suas vidas. Assim, impossibilitando o seu bem viver além de inúmeras oportunidades de que a elas foram tiradas. Segundo Martins (2020), a mulher negra nunca foi percebida como

sexo frágil, por conta que a mulher negra sempre trabalhou de diversas maneiras exploradas, deixando a delicadeza à mulher branca. A mulher negra nunca precisou reivindicar pelo direito ao trabalho, porém luta até hoje por visibilidade.

Na visão de Martins (2020), na comunidade Quilombola Ibicuí da Armada cada família tem em média cinco hectares de terras. Por conta disto, o homem costuma sair para trabalhar fora como peão campeiro e a mulher costuma ficar em casa sendo mãe, dona de casa, cuidando dos afazeres em suas pequenas terras e diversas delas saem em busca de trabalhos fora para complementar a renda da sua família.

Morais (2018) fala que a desigualdade de gênero inicia nas visões de trabalhos dentro das comunidades determinadas pelo gênero, onde as mulheres quilombolas além das atividades domésticas muitas vezes trabalharam fora como domésticas e fazem trabalhos na agricultura que são realizados por homens e mulheres. “Em uma sociedade regida pela lógica do capital, a pobreza afeta de modo multidimensional a vida das comunidades quilombolas, em especial, das mulheres, jovens, crianças e idosos, ampliando processos de violação de direitos em diversos níveis, catalisando um processo de violência estrutural, mediatizado por relações de opressão por gênero, raça, etnia e classe social” (Grossi, 2019, p. 122).

A jornada de trabalho dupla ou tripla da mulher quilombola muitas vezes é vista como uma simples ajuda. Mesmo que mulheres realizem os mesmos trabalhos braçais que os homens, de igual para igual, seus trabalhos são desvalorizados e deixados de lado pois elas são vistas apenas para trabalhos domésticos. Existem relatos chocantes que remetem à submissão, o abuso, a desvalorização e a desigualdades destas mulheres com raízes da África, que enfrentam suas lutas nessa dura realidade que é vivida até hoje, atrás de seus direitos.

A mulher, e mais precisamente a mulher negra, sofre desde a sua ancestralidade com a desigualdade de raça, classe e de gênero. Existe uma desigualdade cultural, em que o domínio da masculinidade oprime a imagem da mulher. Assim a mulher negra está na base da pirâmide brasileira, geralmente sofrendo preconceito por ser mulher, por ser negra e por ser trabalhadora (MARTINS, 2020, p.22).

As mulheres negras sofrem sobre os efeitos da opressão por ser mulher e não ter seu reconhecimento, mas sofre principalmente, pelo efeito do seu passado

histórico, que é presente na sua identidade de mulher negra. Segundo Grossi (2019, p.121-122), “além dos antepassados terem sofrido com a escravidão, as gerações futuras vivenciam opressões ligadas ao território e ao não reconhecimento de sua identidade étnica e cultural”.

### **4.3 Mulheres quilombolas e trabalho**

No estudo apresentado por Martins (2020), ela mostra os relatos de mulheres quilombolas da Pampa brasileira que contam as crueldades e as opressões que eram submetidas, vivências tanto elas ou por alguém de sua família. São relatos chocantes que envolvem a submissão, o abuso, a desvalorização e a desigualdades destas mulheres, que enfrentam suas lutas nessa dura realidade que é vivida, atrás de seus direitos. Essa desvalorização que é vista até hoje, não só em seus trabalhos, mas em todos os âmbitos de sua vida.

Martins (2020), compara o peso do homem branco da mulher branca e do homem negro e da mulher negra, e nisso e visto que a mulher negra está na parte inferior da pirâmide do que os homens negros e mulheres e homens brancos, no quesito estudo, trabalho, discriminação, desigualdade, entre outros. Essas relações de poder se unem, resultando em uma extremamente desigual passando despercebido apenas por aqueles não a sente. Para Grossi (2019, p.121), “a lógica da acumulação capitalista potencializa e amplia processos de violência estrutural, isto é, uma forma de violência produzida e reproduzida no âmbito das relações entre capital e trabalho presentes na sociabilidade capitalista, no qual a mão de obra mais explorada é a mão de obra feminina negra”. A pessoa responsável por mover toda essa pirâmide em suas costas até hoje, e a mesma que está na base da pirâmide social e econômica devido a feridas deixadas pelo colonialismo. Realmente triste ver que mulheres negras são as que mais trabalham é mesmo assim são as que mais encontram dificuldades para trabalhados assalariados.

Na realidade da vida da mulher negra é algo muito habitual trabalhar fora de sua casa para colocar ou complementar a alimentação de sua família, mas as formas de trabalho não são vistas. Uma das informações colhidas por Martins

(2020), fala sobre uma senhora já falecida, que foi neta de homem escravizado, seu marido trabalhava como tropeiro. Com isso, criou seus doze filhos sozinhas. Nas estradas próximas de sua casa os tropeiros faziam seus acampamentos e quando nascia algum bezerro que não teria como seguir viagem ela o pedia e criava com todo o cuidado e carinho. Desta forma a mesma criou o rebanho da família através das doações. Além disto, a senhora também fazia e reformava parte de sua casa com capim, com a ajuda de seus filhos.

Em Martins (2012), outra senhora fala que sua jornada de trabalho começou cedo e trabalha até hoje. Ela faz todos os fazeres da propriedade, casa e roça, seu marido trabalha fora. Desde seus doze anos fazia o parto de sua mãe que passou esse saber a ela. Sua mãe teve doze filhos e segundo ela, após uma semana de seu parto já voltava a trabalhar e ela cuidava de seus irmãos pequenos. Ela destaca que aprendeu tudo que pode com sua mãe, inclusive a sua força. Conta também, que no tempo de sua mãe as mulheres eram maltratadas pelos homens, mas hoje em dia as coisas estão mudando na comunidade onde vive. Além disso, fala também sobre os trabalhos nas estâncias das mulheres negras onde eram exploradas, trabalhando muito e ganhando pouco, muitas vezes nadas, trocando a mão de obra por comida. Ela mesmo conta no texto, que foi “emprestada” por sua mãe para trabalhar por cinco anos em uma estância em troca de comida.

Outro relato fala sobre os desafios do desemprego, que essa outra mulher enfrenta. Ela afirma que se qualificou trabalhou em vários locais e após saber de seus direitos não a contratam mais. Na época do estudo de Martins (2020), ela trabalhava na cidade em um empreendimento solidários onde produzia e vendia bolachas na cidade. Por conta disso, vive um pouco na cidade e na comunidade. Aprendeu com sua mãe a autossuficiência para sua sobrevivência. Se orgulha da força de sua mãe, devido que a mesma passou dificuldades para cuidar de seus dez filhos sozinhas. Sua mãe trabalhava nas casas da localidade e em troca de seu trabalho era paga com comidas velhas e estragadas que sobravam, porque conforme ela, ninguém paga uma mulher negra para trabalhar e foi assim que ela e seus irmãos foram criados. Ela também fala sobre a falta de terras ao povo quilombola.

A próxima mulher na época da pesquisa de Martins (2020), estudava para levar informações para dentro da comunidade, trabalhou como doméstica comia comida

velha ou a comida que sobrava. Sua mãe com quatorze filhos, batalhou para sustentar sua família em uma tripla jornada de trabalho, trancando trabalho por comida. Ela também relata que seu pai era machista e trabalhava fora remunerado, devido a pequena quantia de terra que possuíam desde cedo saíram a procurar trabalho na comunidade.

Outra mulher conta que seus tios saíram da comunidade para trabalhar por conta que não havia terras para plantar, fala sobre a falta de terra e atualmente de água em sua comunidade. Ela na época do trabalho de Martins (2020), fazia faculdade também com o intuito de levar conhecimento para seu povo da comunidade.

O que choca ainda mais é que esses relatos não são poucos, todas essas mulheres ou alguém de sua família já passaram ou até mesmo passam por isso, fazendo com que se tornado algo coloquial. Os relatos acima foram colhidos “Mulheres quilombolas da pampa: ancestralidade, negritude e resistência”, de Ana Rita Martins (2020), todas são mulheres, quilombolas, mães, com retalhos e lutas semelhantes, que mesmo ao passar dos anos segue iguais, mudando apenas a maneiras que são mascaradas.

No dia 20 de maio de 2022, participei da Jornada Universitária da Reforma Agrária (JURA), na UNIPAMPA da cidade de Dom Pedrito, onde colhi falas marcantes da mesma maneira das que foram descritas acima do trabalho de Martins (2020). Retrato na sequência a fala de Laura para mostrar as opressões sofridas pelas mulheres quilombolas na Pampa.

No grupo de estudos e preposições 5, que participei, expunha questões de Gênero, Diversidade Étnica Racial e os Desafios na Educação no Campo. No decorrer desta roda de conversas, gravei a fala de uma mulher quilombola de Piratini que contava sua história de vida, assim como de seus avos. Esta mulher, que chamarei de Laura, inicialmente contou que foi criada por seus avos após sua mãe ter sofrido com problemas psicológicos. Sua avó casou e foi morar na propriedade de seu marido tiveram seus filhos. Quando ainda as crianças eram ainda pequenas o homem acabou falecendo fazendo com que essa mulher voltasse para seu território de nascença, onde criou seus filhos, devido que a mesma se sentia rejeitada por

estar naquele local, levando em consideração que nessa época a mulher não tinha poder a nada, como a posse de terra.

Voltando para a sua localidade, conforme relatos da quilombola, sua avó demarcou um pedaço pequeno de terra com tapumes de ramos, apenas o tamanho que era necessário para plantar e colher para poder alimentar seus filhos. Com tecidos, sacos e panos que tinha, esta mulher fez uma armação para poder colocar seus filhos e proteger dos bichos, até o momento que ela recebeu auxílio de seus vizinhos quando perceberam sua chegada no local. Algum tempo depois, houve a chegada dos movimentos sociais, e segundo ela, foi início da luta dos povos negros por seus territórios. Após verem as dificuldades da comunidade, das mães sem alimentos para filhos, crianças adoentadas e fracas morando em ranchos de palha, buscaram por melhorias para aquele povo.

Neste momento, a quilombola Laura conta que foi aí que eles puderam ver que existia algo além do que eles tinham, mas era necessário sair a luta por seus direitos, para começar a chegar as mudanças. Esta mulher estudou até a 5ª série do ensino fundamental, segundo ela, sendo essa a educação que estava ao alcance de sua avó para a oferecer, junto a culturas e práticas da cultura negra. Sua avó era a parteira de região e realizar a pratica de benzer. Laura chamou a atenção para a união nas comunidades quilombolas: “O quilombo é igual formigueiro, é todo mundo junto”. No seu relato, Laura esclarece como era trazido o alimento para casa e quais alimentos. “No passado a gente comia o que tinha né? Era uma raiz, uma fruta e se criamos todos fortes.” (LAURA).

Seus avos iam até as fazendas vizinhas para lavar colchões e forro dos colchões e em troca de seus trabalhos também era pagos com sobras de comidas, para poderem alimentar seus filhos. O consumo de carnes da família era devido a fazendas, que quando carneavam davam as vísceras dos animais a eles.

Era assim carneavam lá na fazendo e já gritavam lá adiante: olha vem buscar a buchada carnearam um boi, carnearam a ovelha. Era aquela carne que a gente corria lá pra busca né? Os miúdos. Era os miúdos, as tripas dos animais. Eu, criança, cheia de orgulho, corria abraçando aquelas tripas pra lavar na água corrente (LAURA).

O preparo dessa carne era na chapa do fogão ou na fumaça e a consumiam com limão pois o sal era raro. Também era dado a eles o couro do toucinho que era

posto no feijão. Devido ao grande número de pessoas que a família era composta, sua alimentação era a base de farinha de mandioca. Segundo Laura, eles preparavam uma mistura de farinha com água morna, que após certo tempo de pausa aumentava sua quantidade, dado assim para alimentar a todos. Ela conta também que realizavam trocas de alimentos por outros, como de batata doce ou sementes crioulas que eram o que mais tinha dispunham na comunidade. Essas trocas eram feitas por arroz, que era algo raro nos seus consumos, assim como o trigo, para fazerem o preparo da farinha, pois a único pão que consumiam era pão de milho. Para eles na comunidade, os seus alimentos mais ricos era o milho e a canjica.

Ela relatou tudo isso como momentos de luta na vida todos eles. “A gente tinha dificuldades, a gente tinha luta, mas a gente tinha aquela força pra lutar e pensamento positivo para futuro algo bom vinha” (LAURA). Ela continua: “Alguém quando convida a gente pra algum trabalho, quer que seja em troca por alguma coisa. Já aconteceu comigo, e não vou dizer que não aconteceu (LAURA).” Nesse momento, ela conta que após realizar uma faxina em uma residência da localidade, a forma de seu pagamento proposto pela dona da casa seria uma sacola de roupas usadas. Ela ainda fala sobre a indignação da mulher que a chamou para prestar o serviço. “Tá tudo muito caro, não se acha uma empregada hoje pra nada! Adivinha o porquê? Não se acha mais uma escrava!” (LAURA). Após essa situação ela decidiu não prestar mais serviços domésticos.

Atualmente ela vive da agricultura, produz e vende artesanatos em tricô e doces para complementar a renda da família. Ela deixa claro que gosta de ser uma mulher livre, ter seu dinheiro, conquistar suas coisas e se sentir empoderada. “Gosto de ser uma mulher de livre pra ter as coisas que eu conquistei” (Laura).

Esses são apenas alguns de muitos casos de mulheres quilombolas da Pampa que trabalham constantemente na manutenção e cuidado de vida de todos e que se deparam com diversos empecilhos por serem mulheres, negras, quilombolas e pobres. Em todos esses casos foi fácil identificar as características comuns dessas mulheres, cada uma em busca do seu lugar de fala, com diversas batalhas com o único objetivo de conquistar seu espaço, defender suas origens, seus territórios, a sua comunidade quilombola por uma vida digna. A força e a inspiração são

representadas por mulheres do passado, símbolos históricos da resistência da mulher negra.

As suas batalhas são constantes por necessidades básicas, terra, água, saúde, pelo reconhecimento do seu povo. Contudo, são explícitas a luta e a força passada pela mulher negra quilombola. Mesmo com tantas desvantagens e dificuldades que passam, essas mulheres transparecem o orgulho e amor por suas origens que a elas foram passadas através de suas mães, avós e outros(as) antepassados(as).

## **5. METODOLOGIA**

Essa é uma pesquisa qualitativa. O método escolhido para sua realização foi o Estudo de caso, sendo o caso a comunidade quilombola Ibicuí da Armada.

Primeiramente, foi realizado o reconhecimento da cultura local do quilombo através pesquisa bibliográfica. Logo após, aconteceu a aproximação com a comunidade. Selecionei oito mulheres e realizei a aplicação de entrevistas com apoio de um roteiro com dezenove questões e um gravador de áudio, para melhor compreensão do tema.

Foram ao total entrevistadas oito mulheres da comunidade entre 21 e 67 anos. Inicialmente aconteceu a sua apresentação como seu nome (fictício para preservar sua identidade), idade, composição e renda familiar. Após isso, pedi para que elas contassem a história de sua vida, dificuldades enfrentadas por elas ou por suas familiares e saberes passados a elas por mulheres que fizeram parte de sua vida. Por fim, as mesmas contaram sobre como é ser mulher na comunidade quilombola Ibicuí da Armada, como é feita divisão de trabalho entre homens e mulheres, a valorização dos trabalhos realizados por essas mulheres e o que a comunidade desenvolve ou pode desenvolver para o fortalecimento de suas fontes de renda.

O primeiro encontro que eu tive com as mulheres quilombolas foi no dia 29 de outubro de 2022, na sede da comunidade, onde realizei uma entrevista. O segundo encontro foi dia 10 de novembro de 2022, e fiz mais duas entrevistas com as mulheres que estavam presentes. Nos outros casos, fui até suas residências das mulheres para realizar as entrevistas.

No primeiro momento quando explicava o meu objetivo, parte delas demonstravam algum certo receio de não saber o que responder ou até mesmo de errar alguma coisa. Tive medo de não conseguir esse contato e aproximação com elas. Mas assim que iniciávamos a nossa conversa, isso desaparecia de ambos os lados. Cabe a mim ressaltar que foi uma experiência incrível passar horas com essas mulheres, assim como ir até suas propriedades onde fui muito bem recebida, podendo ver seus jeitos espontâneos de ser com tudo que já passaram e passam em suas vidas. A simplicidade da mulher quilombola é simplesmente linda e encantadora.

## **6. RESULTADOS**

### **6.1 Mulheres Quilombolas de Ibicuí da Armada: identificação e vivências**

Neste momento irei apresentar cada uma dessas grandes mulheres quilombolas que entrevistei. Usarei nomes fictícios para preservar suas identidades. A ordem de apresentação de cada mulher será de acordo com as entrevistas que realizei primeiramente.

Como já citei anteriormente, meu primeiro contato com a Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, aconteceu em 2018 através da UERGS, no qual pude conhecer parte da história da localidade assim como alguns dos integrantes. Após isso visitei algumas outras vezes a comunidade.

A minha primeira aproximação com as mulheres quilombolas, aconteceu no dia 29 de outubro de 2022, a partir do convite da orientadora Prof. Cassiane da Costa, quando passei o dia na sede da comunidade. Neste dia participei de um curso que foi ofertado a estas mulheres que foi realizado durante a parte da manhã.

O objetivo do curso era passar métodos de como realizar pinturas em camisetas e como confeccionar chaveiros de bonecas para a comercialização.

FIGURA 1- Curso de confecções de pinturas em camisetas e chaveiro de bonecas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

Durante a tarde houve a finalização do curso de informática que foi ofertado a um grupo da comunidade e da região sob a coordenação da Prof. Cassiane da Costa. Neste dia entrevistei a primeira mulher.

Amélia tem 58 anos, dois filhos e é viúva. Já trabalhou em diversos lugares, sempre foi paga em dinheiro. Em um dos seus trabalhos todo final de semana que retornava para sua casa, ganhava pedaço de carne fora o seu salário. No final de ano, ganhava um fardo de arroz ou metade de uma ovelha. Segundo ela, nunca aconteceu nenhum dos relatos das mulheres citadas acima. Já o seu pai trabalhava em uma estância perto da comunidade, não tinham salário. Ele trabalhava para manter o seu gado no campo da propriedade. Atualmente a única fonte de renda da família é a sua aposentadoria, pois Amélia parou de trabalhar por conta que seu marido estava com problemas de saúde, saiu para cuidar dele e não conseguiu retornar mais.

Para a Amélia, a comunidade quilombola é muito importante em sua vida. Seu marido era presidente da comunidade e não media esforços para que houvesse progresso. Ela conta também, que após a pandemia os integrantes estão afastados e não participam mais das reuniões. E ao perguntas sobre as mulheres que fizeram

parte de sua vida, Amélia destaca a importância da presença de sua mãe e fala: “Aprendi muita coisa, tudo que sei hoje aprendi com minha mãe, ela sempre passou tudo pra mim.” (Entrevista, Amélia).

A minha segunda ida a comunidade foi no dia 10 de outubro de 2022, durante a tarde, novamente com a prof. Cassiane da Costa. Neste dia fui com o objetivo de realizar alguma entrevista. Parte dos(as) moradores(as) da comunidade se reuniram na sede para a participação do Seminário sobre Avanços e Desafios da Legislação acerca da comercialização de alimentos por comunidades tradicionais. Também participei do evento e consegui conversar com algumas mulheres nesse dia.

Figura 2 - Moradores(as) da comunidade reunidos(as) para participação do seminário



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

A primeira mulher entrevistada neste dia chamarei de Eva. Eva tem 64 anos e casada, tem quatro filhos e seis netos. Ela diz que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito em seus trabalhos, sempre foi bem tratada e paga em dinheiro. Atualmente mora só o casal em sua propriedade e a fonte de renda é a aposentadoria sua e de seu marido. Ao perguntar sobre sua história de vida ela conta que passou muita dificuldade com seus pais na criação dela e de seus irmãos. Ela fala: “As coisas naquela época eram mais difíceis de se adquirir, hoje com tudo que tem ainda se queixam.” (Entrevista, Eva).

Eva conta que na sua infância ela e seu irmão mais velho não tinham calçados para irem para a escola que era muito longe. Segunda ela, sua escola era muito longe e eles iam de chinelo de dedo durante o inverno.

Um desses dias, indo para escola pela manhã, uma serração, uma geada que levantou com a serração, demo volta pra casa! Demo volta pra casa chorando porque doía os dedos dos pés de geada só de chinelinha de dedo. Mas graças a Deus a gente passou, passou por essas dificuldades, mas venceu tudo graças a Deus (Entrevista, Eva).

Ao falar de sua mãe conta que sente muitas saudades dela. Sua mãe sempre deu conselhos a eles para serem pessoas muito humildes e corretas. Ela destaca que o que mais aprendeu com sua mãe foi na parte da cozinha, “a cozinhar com gostinho de comida de mãe.” (Entrevista, Eva). E complementa “Tem que aproveitar a nossa mãe porque depois fica só lembrança.” (Entrevista, Eva).

Eva fala que a comunidade para ela é muito importante. Desde seu casamento foi morar lá e sempre se sentiu acolhida. “...meus vizinhos sempre que precisei, sempre me ajudaram e me acolheram desde o primeiro momento que cheguei na comunidade. Sempre se ajudam uns aos outros e sempre fui bem tratada.” (Entrevista, Eva). Eva aparenta ser uma mulher muito calma e tranquila e não transmite todo o sofrimento que passou. Em toda entrevista ressaltou a importância de sua mãe e a saudade que ela deixou.

A segunda mulher entrevistada nesse dia chamarei de Maria. Maria tem 67 anos e sete filhos, na sua propriedade mora ela e parte dos filhos, mas em casas separadas. A fonte de renda atualmente é a sua aposentadoria. No seu ponto de vista nunca foi maltratada em seus serviços. Foi criada por sua mãe e seu pai, o pai era tropeiro e a mãe trabalhava com serviços domésticos e lavava para fora.

Desde muito nova Maria trabalhava. Ela conta que tinha uma horta para o autoconsumo da família, e quem virava a terra quando o seu pai não estava, era sua mãe. Para realização desse serviço sua mãe utilizava arado de boi, e quem plantava as sementes e colhiam era ela e seus irmãos. Pela manhã iam a pé para escola, quando voltavam, almoçavam e iam para lavoura. Sua escola era de madeira e pertencia ao seu avô.

Quando pergunto a importância da comunidade a Maria, ela conta que tem um apego com o lugar aonde foi criada, é o local onde sua mãe ficou até o final de sua vida e isso a traz lembranças boas.

Gosto de ficar aqui e não iria para cidade. Fico aqui com os meus bichinhos. Na cidade a gente não faz o q faz em campanha. Eu gosto e de tá varrendo pátio, criando bicho, cuidando... faço criação de galinha, plantando flor, arvore. Onde eu tive todo o tempo com a família, toda minha história. E no final de semana se juntam todos os meus filhos, toda a minha família ficar comigo. (Entrevista, Maria).

Maria é uma pessoa muito espontânea, desenvolve bastante trabalhos artesanais e assim como todas começou a trabalhar bem cedo.

A quarta entrevistada vai ser chamada de Ana. Ana tem 44, casou e foi morar na comunidade a 24 anos. É mãe de um casal de filhos e avó de uma menina. E ao perguntar se ela já sofreu algum tipo de preconceito ela responde:

Acredito que o preconceito... assim quando a gente vai em alguma secretaria, a gente chega lá e as pessoas olham de cima abaixo pra a gente porque pedimos para falar com alguém que esteja em uma posição melhor. Daí as pessoas acham que a gente não tem essa capacidade para falar com essa pessoa... Muitas vezes a gente sofre um racismo institucional estrutural. (Entrevista, Ana).

Ana é a atual presidenta da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, e quando pergunto qual o significado da comunidade para ela, ela fala:

A comunidade é minha vida. Desde que eu vim pra casa, junto com o seu... (ex-presidente, marido de Amélia), montamos essa associação e sempre estamos a frente. E pra mim hoje é minha vida é o que me move é a vontade de ajudar o outro, de trazer as coisas para dentro da comunidade. Ela tá em mim, ela não sai! Eu trabalho aqui, eu tô sempre em volta buscando um recurso, buscando um projeto, buscando melhorar casa vez mais (Entrevista, Ana).

Ana é presidenta da comunidade pela terceira vez consecutiva e demonstra que a garra da mulher negra, quilombola está presente ali.

A quinta mulher entrevistada chamarei de Rose, tem 51 anos, um casal de filhos e é casada. Rose é iletrada, estudou até a primeira série do ensino fundamental, pois era a irmã mais velha e sua mãe não a deixava estudar porque deveria cuidar dos mais novos. Aos 12 anos sua mãe a colocou para trabalhar e aos 16 anos casou e foi morar na comunidade Ibicuí da Armada junto com seus sogros. Com 24 anos Rose adotou seu filho que estava com 2 meses de vida, pois sua irmã não quis criá-lo. Rose comenta que ela e seu marido passaram muitas

dificuldades para criar seu filho naquela época, pois não tinham água e luz em sua casa.

Atualmente mora ela mora apenas ela e seu marido. Seu filho trabalha e mora na cidade e sua filha teve q ir morar com a irmã do seu pai, sua tia, para poder terminar os estudos. Ela fala que o ônibus que transportava a sua filha até a escola não faz mais a linha porque o estado parou de pagar a empresa.

Rose representa ser uma mulher muito corajosa, pois desde sua infância foi obrigada a ter responsabilidade que não eram suas.

A sexta entrevistada chamarei de Antônia, tem 62 anos, 4 filhos, uma filha já falecida. Atualmente mora com o marido, com a filha mais nova e sua neta. A renda familiar atualmente é da aposentadoria do seu marido e sua filha recebe auxílio do governo e faz trabalhos esporadicamente. Antônia lamenta que não pode se aposentar ainda. “Não me aposentei ainda, mas eu vivo toda a vida changuendo. Agora não tenho mais idade também [...]. Trabalha a vida inteira pra ganha R\$1000,00 e ainda não consigo.” (Entrevista, Antônia).

Quando a pergunto sobre sua história de vida ela responde: “A história da minha vida? Se eu te contar toda a minha história da minha vida dá pra fazer um livro! (risos).” (Entrevista, Antônia). Ela sempre morou na propriedade que está até hoje, seu pai que era alambrador, sua mãe que trabalhava lavando roupas para estancias para criar seus 9 irmãos. Antônia começou a trabalhar aos 8 anos de idade e aos 12 anos saiu de casa para trabalhar fora. “Tu trabalhavas nas casas pra viver. A minha história é essa! trabalhava para viver entendeu?” (Entrevista, Antônia). Aos 20 anos Antônia casou.

Após Antônia trabalhar em vários lugares, conseguiu um emprego onde era paga em dinheiro, recebia moradia e alimento, cuidava de sua mãe e seus filhos. Seu marido trabalhava no mesmo local como capataz, porém, teve que parar de trabalhar após sofre um Acidente Vascular Cerebral. Então Antônia e sua família retornaram para propriedade onde já havia morado na sua infância.

Eu sempre morei aqui. Não era a mesma casa, eram uns ranchos aqueles de torrão. Um rancho veio, as paredes de torrão e em cima de capim. (Entrevista, Antônia).

Ao passar alguns anos, Antônia perdeu sua mãe e após dois anos perdeu sua filha e conta o seu sofrimento.

Quando dizem assim: -aí Antônia tu não e mais a mulher que tu era. Mas por que eu não sou mais a mulher que eu era? ...Perdi minha mãe. Uma pessoa que morou aqui. A dona Cassiane conheceu minha mãe. Minha companheira sabe? Ta, aí passou dois anos perdi minha filha, então aí minha vida foi... aí já não tinha mais vontade de nada. Aí sabe como e que minha vida mudou guria? Quando nasceu essa minha neta. Aí eu comecei a sorrir de novo... Agora to tocando o barco. Diz pra dona Cassiane, to tocando o barco com a (sua neta) ... Aí o (seu terceiro filho) diz: -Mãe como a senhora mudou depois que venho a (neta). Ai graças a Deus, eu tava triste (Entrevista, Antônia).

Antônia conta que seu filho mais velho mora no Mato Grosso, e o seu terceiro filho trabalha na cidade. Antes de sua neta nascer, Antônia recebeu o apoio de seus filhos. “Deus me presentou com bons filhos.” (Entrevista, Antônia).

Antônia passou diversas dificuldades desde sua infância e fala:

Olha eu vou te dizer guria, eu tenho história. Sabe o que eu tinha nojo também? Ir pedir. Faltava as coisas, sempre faltou as coisas. Pedir as coisas nas casas, eu tinha vergonha. Passei necessidade. É triste viu? A cara de pau. Uns davam. Outros não tinham para repartir minha filha (Entrevista, Antônia).

Em meio da entrevista Antônia fala:

Mas eu não te contei a pior parte da nossa vida. Que quando eu tava com 12 anos meus pais se separaram. Ai ficamos espalhados. Eu não te contei essa parte. Um em cada casa, meu irmão mais velho ficou na tapera que era o mais velho, depois arrumou um serviço. Aí sabe quem deu a guarita pro meu pai? Porque a minha mãe que foi embora. Era o finado Antônio Guerra. O meu irmão morava numa volante. Ali meu pai criou todos meus irmãos. Ali eu já tava mais grande foi me virava ... Completei 14 anos e fui me virar, trabalhar. Essa a pior fase da vida da gente foi essa. Meus irmãos pequenos não tinham pra onde ir. Sabe o que é tu ficar nas casas? Chega assim pra ti pedir pra ficar numa casa? É muito triste viu? (Entrevista, Antônia).

E ao perguntar por sua mãe, ela responde:

Minha mãe foi pro mundo, ela foi embora. Aí depois a gente é filho... minha mãe andou pelo mundo, aí não deu certo. Voltou pra morar comigo entendeu? É essa a história. Ela bateu na porta da minha casa morava lá na dona Joana, chegou de mala. - Olha vim pedi pra mora contigo. O que vamos fazer? É minha mãe. Aí que ela ficou até morrer (Entrevista, Antônia).

Na entrevista Antônia se emocionou bastante ao falar de sua vida, mas em grande parte do tempo com o sorriso no rosto. “Queria saber como eu vivia? Vivia só de resto, cabeça de ovelha (risos)” (Entrevista, Antônia).

A sétima entrevista foi com a filha da Antônia, que vamos chamá-la de Rita, ela tem 21 anos mora com seus os pais e sua filha de 1 ano. Rita fala que com sua mãe aprendeu a trabalhar, ser guerreira e sempre manter a força. Na sua opinião os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres não são valorizados pelos homens e comenta que são apenas vistos e valorizados por outras mulheres.

A oitava e última mulher entrevistada foi a Alice. Ela tem 21 anos mora com seu marido e sua filha de 2 anos. Quando pergunto sua história ela responde:

Nós passamos bastante dificuldades. Eu morava na cidade meu pai, nunca trabalhou de carteira assinada sempre trabalhou fazendo bico, catando latinha, garrafa, essas coisas. Minha mãe nunca trabalhou sempre cuidando da gente em casa. Dificuldade sempre se passa. Passamos bastante, mas támo ai! (Entrevista, Alice).

Isso foi apenas parte de grandes histórias dessas grandes mulheres.

## **6.2 O preço de suas lutas**

Neste tópico escrevo sobre os serviços que oito mulheres quilombola já desenvolveram ou ainda desenvolvem, entendendo as dificuldades e lutas que passam para poder realizá-los. Seguirei a mesma ordem acima.

Como já foi comentado, a Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada tem grande parte de sua composição de aposentados(as). Das oito mulheres entrevistadas, sete tem a aposentadoria, tanto dela ou de alguém de sua família, como fonte de renda principal.

Ao conversar com Amélia, ela contou que já trabalhou na escola da comunidade. Na cidade trabalhou como faxineira na igreja matriz, mas que sempre trabalhou nas fazendas como cozinheira. Atualmente a renda fixa atual de Amélia é sua aposentadoria e está desenvolvendo serviços na sua própria casa. Ela tem uma horta onde está plantando várias culturas para o autoconsumo da família, cuida de suas ovelhas e dos trabalhos domésticos. Já cuidado do gado quem realiza são seus filhos. Segundo Amélia, várias pessoas já a procuraram para trabalhar fora, mas devido a quantidade de afazeres que tem que realizar na sua propriedade não tem como aceitar. Amélia fala que já não está dando conta devido o número de

serviços que tem que desenvolver na sua propriedade. “Na campanha tem muito serviço, é cachorro, galinha, pátio” (Entrevista, Amélia).

E ao perguntar por sua mãe, ela conta que trabalhou como lavadeira por muitos anos e depois foi também trabalhar na escola da comunidade. Quando ela e seus irmãos eram pequenos sua mãe também trabalhou nas estâncias. Ambas eram pagas em dinheiro.

Para Amélia, a mulher quilombola tem muitas dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Segundo ela, morar no rural já é um problema, já que se não dispõe de um carro fica difícil a locomoção, dependendo de carona ou ônibus que é apenas uma vez ao mês. Ela fala que hoje já está tudo mais fácil por ter a luz, por ter uma geladeira, um freezer.

Antes não tinha nada disso. A água era natural para beber, a carne era só charque porque não tinha como manter. Ainda tem muita dificuldade, mas não como antes (Entrevista, Amélia).

Já Eva comenta que após passar diversas dificuldades na infância, conta de seus trabalhos com orgulho. Hoje em dia ela e seu marido como já estão aposentados cuidam apenas da sua propriedade, ela cuida da casa enquanto o marido sai a camperear. Eva já trabalhou na cidade como babá por vários anos e nas estâncias como cozinheira. Sempre foi paga com dinheiro e nunca foi maltratada nos seus trabalhos. “Nós passamos por essas dificuldades, mas vencemos”, finaliza a entrevistada Eva.

Maria começou a trabalhar cedo ajudando a sua mãe que era lavadeira e doméstica. “A mãe ia para o arroio, nós éramos pequenos e ela lavava para fora, para os estancieiros. E nós levava para o arroio para nós lavar os guardanapos pequenos, dali a gente ia aprendendo a fazer desde pequenos” (Entrevista, Maria). A Mãe de Maria teve 13 filhos, e entre as irmãs mais velhas havia uma divisão de trabalho na propriedade.

[...] faziam assim uma semana pra cozinha e depois uma semana para limpar a casa e cuidar dos mais novos e uma semana pra ir pra o arroio para lavar pra os peões de estância. Porque a mãe pegava pra lava, mas quem lavava era as filhas porque a mãe ia pra estância cozinha. (Entrevista, Maria).

Após se casar, Maria teve seus filhos e voltou a trabalhar fora, trabalhou também como cozinheira e doméstica. Ela diz que sempre foi paga em dinheiro, mas mal paga. Segundo ela, os antigos patrões a pagavam mal pois sabiam que precisava. Sua mãe trabalhou anos em uma estância, mas teve que se afastar por conta de sua saúde. Maria acabou ficando no lugar da mãe, onde trabalhou por 15 anos e levou seu filho para trabalhar como caseiro por 14 anos. Quando seu antigo patrão faleceu, seu filho ficou nas ordens da propriedade, onde ela trabalhou por mais dois anos. Maria passou de empregada doméstica para ajudante e só realizava serviços domésticos se quisesse e quando quisesse. Com o antigo patrão era obrigada a esfregar piso de cimento queimado ajoelhada. Assim como Maria, várias outras mulheres acham que trabalhar desta maneira era uma condição normal de trabalho e por conta disso acham que nunca foram mal tratadas em seus serviços prestados.

Ao perguntar sobre relatos de exploração no trabalho, ela conta que segundo sua mãe, sua prima era dada pelos seus pais aos ricos e só trabalhava em troca de comida e roupa. Naquela época os pisos só eram esfregados com soda cáustica e por conta disso, desenvolveu diversos problemas de saúde. “Ela tava com uma mão quebrada quando trabalhava com os ricos e foi se dá conta depois de velha, depois de muito tempo” (Entrevista, Maria).

Maria afirma que hoje em dia sabe cozinhar, costurar, fazer crochê, xergão e cobertor tudo graças a sua mãe.

A mãe fazia lava a lã a mão no arroio, colocava no sol para secar e depois tinha que abrir toda a lã pra limpar e depois cardar, pra mãe fazer a linha. Hoje eu digo e fico feliz aprendi muita coisa com ela e sei fazer tudo. Aproveitei muito a minha mãe. Faleceu com quase 100 anos (Entrevista, Maria).

Atualmente Maria é aposentada, mas quando deu início ao processo de sua aposentadoria, descobriu que seu patrão tinha assinado sua carteira como se ela tivesse trabalho apenas por 15 dias. O advogado quis recorrer, mas ela não quis seguir adiante, devido ao estado de saúde de seu antigo patrão. Além da sua aposentadoria, ela faz artesanatos em crochê para venda e até hoje faz limpezas nas propriedades. Segundo ela gosta de trabalhar pois se criou trabalhando e se pára, acha falta do serviço.

Além de trabalhar fora, fazer seus artesanatos para venda, Maria ainda faz todo o serviço doméstico e cuida dos animais da sua propriedade. “Crio galinha, cuido dos bichos, varro o pátio, roço o pátio, atendo as coisas dentro de casa, todo serviço doméstico e também faço serviços fora de casa, na antiga patroa com limpeza” (Entrevista, Maria). Anteriormente também cuidava da horta, mas quando seu filho retornou para a comunidade passou a tarefa para ele. Para finalizar Maria comenta: “A água era puxada de lá de baixo. Puxada a boi, e se tava secando aquele barril a gente já saia... Lavava na sanga hoje em dia nós temos outra vida” (Entrevista, Maria).

Já Ana até seus 7 anos morava no rural pois seus pais trabalhavam em estâncias, após isso foi para cidade estudar. Aos 9 anos foi morar em uma família rica de Sant’Ana do Livramento onde ficou até seus 11 anos. Dos 11 aos 15 anos, ficou em outra família, depois disso começou a trabalhar para teu seu dinheiro e ajudar os seus pais a criar suas irmãs. Enquanto ao trabalho, quando foi morar nas casas de família não tinha salário, ela morava com eles pra ajudar cuidar dos filhos e no final de semana ou a 15 dias voltava para casa de sua mãe. Segundo ela, eles davam carne, leite, davam uma coisa e outra, salário não. “Mas eu nunca fui judiada e tive estudo, tive educação e depois dos meus 15 eu trabalhava normal, cuidava criança, era babá e ganhava meu salário” (Entrevista, Ana).

Em 1999 Ana casou e foi morar na comunidade Quilombola Ibicuí da Armada. Quando chegaram lá, não tinham água e nem luz. “Lá não tinha nada, só vontade mesmo de viver aqui” (Entrevista, Ana). Então construíram sua casa de madeira, depois receberam um valor que veio do RS Rural e construíram sua casa de alvenaria. Hoje mora sozinha na localidade.

Ao comentar sobre as mulheres que fizeram parte de sua vida conta de sua mãe:

Minha mãe que sempre foi guerreira, trabalhadora, sempre nos criou com dignidade, nos deu educação que temos hoje. Quem somos hoje em dia e tudo graças a ela. Somo quatro irmãs e todas nós trabalhando tendo família todos bem” (Entrevista, Ana).

E fala também da avó de seu marido, que foi quem deu a propriedade onde mora hoje e também cedeu parte do seu terreno para que fosse construída a sede

da comunidade quilombola. Atualmente Ana tem um armazém e confecciona artesanato em lã para comercializar.

Rose aos 12 anos foi colocada por sua mãe a trabalhar em casa de família. Ela conta que cuidava das crianças e da casa, ganhava meio salário e não tinha carteira assinada. O seu próximo serviço foi em uma mulher onde contratava várias jovens e distribuía para trabalhar parte delas em Livramento e a outra em Rivera como empregadas domésticas. Rose pegava o último ônibus a 00:00 e as 7:00 já estava de pé novamente. Todo o seu dinheiro que recebia com seu trabalho tinha que entregar para sua mãe cuidar dos seus irmãos mais novos. Sua mãe lavava roupa pra fora, quando Rose conseguia chegar cedo do serviço, ela ia entregar as roupas para os donos. “Bah, foi uma vida muito sofrida, mas fui guerreira e só guerreira até hoje” (Entrevista, Rose).

Após isso conheceu seu marido com quem é casada até hoje. Rose casou com 16 anos e foi morar com os sogros na comunidade. O seu marido saía para trabalhar e ela ficava trabalhando com o sogro na lida campeira, o que chama de ajuda.

Ajudava ele a banhar gado, a esquilar ovelha. Com ele nós fazia lenha no mato, nós trazíamos a cavalo, as vezes nas costas até as casas. Quebrava milho com ele, nós carregávamos de carroça com os bois. E to até hoje aqui! Lavava roupa de Joelho na sanga. Nós íamos com as bolsas de roupa lá pro mato lava porque não tinha água (Entrevista, Rose).

Atualmente a maior fonte de renda da família é proveniente da aposentadoria do seu marido, além dos serviços que ele presta como peão de estância. Rose produz doces e queijos para venda, sob encomenda.

Antônia assim como Rose, é a irmã mais velha das mulheres. Aos seus 8 anos de idade ela e seu irmão mais velho foram trabalhar fora limpando pátio nas estâncias onde seus tios trabalhavam. Não eram pagos em dinheiro.

E ai de vez de pagar, não pagavam nós. Davam um pedaço de carne, um quilo de boia e trazia pra mãe... Nós trabalhávamos praticamente de graça. Minha mãe trabalhava de graça (Entrevista, Antônia).

Sua mãe foi lavadeira e cozinheira de estância, também sempre foi paga com roupas e comidas velhas. Nas estâncias, quando carneavam também a pagavam

com as cabeças de vaca e ovelha ou as vísceras dos animais. “A minha mãe limpava uma casa de 20 peças na estância de Fulano de Tal (diz o nome). Só davam essas achuria de ovelha e cabeça de ovelha e umas bolachas velhas duras, que grudavam na parede e não quebravam” (Entrevista, Antônia). Ela comenta que sua mãe utilizava a cabeça da vaca para retirar as carnes e fazer charque.

Antônia cuidava de seus irmãos mais novos para sua mãe trabalhar, antes ia até as estâncias a cavalo buscar roupas para a mãe lavar no açude.

Aquele ferro em brasa sabe? Que botavam brasa ali. E aquele peso? Eu e minha mãe botando brasa naquilo. E eu disse minha filha, o dia que eu tiver minha casa não quero essa sujeira. Graças a Deus, meu Deus me abençoou com luz né? Ia lá naquele mato. Cansada de ajudar minha mãe, tirar lenha pra brasa (Entrevista, Antônia).

Aos 12 anos Antônia saiu de casa para trabalhar em casa de família, foi para uma estância onde fazia todos os serviços em troca de moradia, comida e roupas velhas. “Sempre na luta, sem salário entendeu? Então me davam roupa velha e comida.” (Entrevista, Antônia). Com 14 anos retornou para casa pois não aguentava mais sua rotina corrida de serviços. Mas como já havia acontecido a separação dos seus pais, Antônia teve que procurar outro serviço pois seu pai não tinha como ajudá-la. “Meu pai me ensinou trabalhar para ter as coisas, não mexer nos alheios e graças Deus estamos tudo aí. Pobre na verdade, mas temos casa!” (Entrevista, Antônia). Então, Antônia teve que ir morar na cidade onde trabalhou como babá e empregada doméstica. Aos 20 anos casou, foi trabalhar em estâncias junto ao seu marido. Trabalhou lá como empregada doméstica, por 4 anos onde já era paga com salário, mas teve que se afastar pois não conseguia conciliar seus afazeres domésticos com os cuidando de sua filha.

Após isso conseguiu outro emprego em estância onde trabalhou por 13 anos, seu marido era capataz, ela iniciou como empregada doméstica e após algum tempo passou a cozinhar também. Recebia meio salário mínimo, moradia, alimento para ela e toda sua família. Neste emprego, Antônia se refere como onde passou seus melhores anos, “eu trabalhava assim, à vontade”. E ao perguntar por sua patroa ela responde: “Era muito boa pra mim, nem parecia que era rica” (Entrevista, Antônia). Quando nasceu sua filha mais nova, Rita, retornou para propriedade onde já havia morado, após o acidente de trabalho de seu marido.

Nisso Antônia começou a trabalhar no pomar de laranja próximo a sua casa. Neste serviço, ela comenta, que seu patrão só contratava mulheres pois dizia que mulheres eram mais detalhistas nas escolhas das laranjas. Era o total de três mulheres que trabalham no local, uma delas era sua sobrinha. “E minha sobrinha, casada com meu sobrinho, tem 20 anos trabalhou parelho. Trabalho como homem!” (Entrevista, Antônia). Antônia não percebe que sua força e persistência, acompanhada de suas múltiplas funções, não se compara a de homem algum.

Para não vir no sol quente para casa Antônia almoçava ‘boia fria’, como ela se referia, no meio das árvores. O seu pagamento era conforme a quantidade colhida, recebia a média de R\$1.000,00 ao mês, enchendo 40 caixas a cada dia.

Hoje em dia a fonte de renda da família é a aposentadoria do seu marido. Quando pergunto ela o que faz na sua propriedade responde:

Faço tudo (risos), tu diz a lida? Corto lenha, limpo pátio. Depois vou te mostrar os tocões que abro ali, pra ti mostra lá. (Entrevista, Antônia).

Seu marido ficou impossibilitado que desenvolver tarefas mais pesadas, por conta das sequelas deixadas do AVC que teve.

Antônia com muito orgulho mostrou as lenhas que corta com o intuito de eu mostrar no meu trabalho. Todo momento da entrevista foi cuidadosa em detalhar toda a sua vida, para poder ajuda em minha monografia. Ela comentou também, que não vinha muitas vezes na cidade, mas seu precisasse dela, era só falar que vinha se fosse possível para eu me formar. Eu sai de sua casa encantada com força, a história dessa mulher e muito grata por seu carinho e contribuição. Agora com maior honra anexo a imagem que Antônia falou.

Figura 3 – Cortar lenha, um dos serviços feitos por Antônia em sua propriedade



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Rita, filha de Antônia, tem sua renda mensal composta pelo programa social Auxílio Brasil, e realiza trabalhos domésticos nas fazendas da região, mas nunca trabalhou com carteira assinada. Para ela a maior dificuldade em busca de emprego é a necessidade de ter experiência e uma formação para se encaixar em qualquer vaga. “Se não tem ninguém que te indique, tu tens que se formar, estudar pra ter um emprego.” (Entrevista, Rita).

Já a renda familiar de Alice é composta pelo salário de seu marido que trabalha como peão e por seus trabalhos domésticos que ela realiza na região. Alice foi morar na comunidade em 2015. Já trabalhou na cidade em um trailer na parte da cozinha, no pomar de laranjas junto com a Antônia e atualmente trabalha como empregada doméstica em três casa diferentes. Ela comenta também que conta com a ajuda de sua sogra e da cunhada para ficar com sua filha enquanto trabalha. Ao chegar do trabalho, Alice ainda cuida dos afazeres domésticos de sua casa e de sua filha que tem 2 anos. Alice diz que sempre foi bem tratada em seus serviços e que é paga com dinheiro.

Conhecer oito histórias dessas mulheres quilombolas foi de um valor inestimável, não só na minha vida acadêmica, mas na vida pessoal também. Algumas mais caladas, outras mais falantes, mas todas com a força de mulher quilombola, lutando não só por suas vidas, mas também de seus filhos, pais e irmãos. Hoje posso dizer que estou muito feliz por essa abordagem que escolhi.

### **6.3 Valorização dos trabalhos realizados por Mulheres Quilombolas**

Neste último tópico busquei entender se acontece ou não a valorização dos trabalhos realizados por essas mulheres dentro da comunidade. Também trato se a comunidade desenvolve alguma atividade que fortaleça a renda delas. Por fim, aponto sugestões de atividade para serem realizadas pela associação da comunidade que foram passadas pelas entrevistadas.

Amélia comenta que os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres dentro da comunidade a maior parte dele não é vista. Segundo ela, a Mulher Quilombola desenvolve várias coisas dentro da comunidade, mas não há visibilidade. Para ela essa valorização não acontece, pois, um dos principais serviços que as mulheres desenvolvem é o doméstico tendo que realizar diariamente as mesmas atividades e acaba sendo rotineiro e não ser percebido esse esforço. Já quando o homem desenvolve alguma tarefa e na maior das vezes realizar fora da propriedade e acredita que seja por isso é valorizado. Ela completa dizendo que espera que aconteça essa valorização, afinal de contas para ela, as mulheres da comunidade que mais desenvolvem atividades tanto dentro como fora da propriedade e são as mais voluntárias para as ações realizadas na sede.

A Amélia fala que maior dificuldade para poder desenvolver seus trabalhos acontece devido o distanciamento da localidade, estradas em péssimas condições e quem não possui veículos para o deslocamento, depende de carona. Para ela isso dificulta até mesmo para a participação nas reuniões que acontecem na sede. Segundo Amélia, a comunidade não desenvolve nenhuma atividade para desenvolver a fonte de renda das mulheres. E completa que para que possa acontecer isso seria necessário a realização de uma reunião onde estivessem todas as mulheres para que cada um pudesse dar sua opinião para construção de uma atividade que alcançasse a todas. Outra coisa que Amélia destacou foi o Curso de

panificados que a comunidade vai disponibilizar, qual boa parte das mulheres, inclusive ela, mostra interesse

Para Eva as dificuldades das mulheres para entrar no mercado de trabalho não são claras, mas comenta sobre o valor do trabalho da mulher, onde expõe sua opinião falando que a mulher trabalha com a mesma intensidade que o homem e muitas vezes até mais tendo que se dividir nas tarefas domésticas, cuidados aos filhos e em trabalhos fora, só que isso não é visto. Eva também fala que não sabe se a comunidade desenvolve ou não alguma atividade para as mulheres, pois quem participa das reuniões é apenas seu marido.

Para Maria umas das maiores dificuldades de uma Mulher Quilombola seria por exemplo ela dispor de terra e de poder econômico para dar início a uma plantação, mas não tem os meios de realizar essa ação, como virar a terra. Para a realização de trabalhos mais brutos, ela não dispõe da mesma força que anteriormente. Outro ponto que ela também destacou foi a locomoção que não disponibiliza, dificultando o acesso a cidade, pois o ônibus faz a linha apenas uma vez ao mês.

No ponto de vista de Maria, não acontece a valorização nos trabalhos que realiza. Ela conta que faz artesanatos atualmente de crochê. Ao finalizar seu trabalho para a venda, o valor que ela coloca em seus produtos sempre são questionados, segundo ela não é visto que é preciso pagar o investimento em produtos utilizados na confecção, sua mão de obra, além dos valores gastos com a logística. Ela comenta que ninguém dá valor ao serviço de ninguém, por conta disto, atualmente só trabalha por encomendas. E em relação a valorização entre homens e mulheres, ela fala que o homem é mais valorizado por conta que a mulher realiza ações repetitivas todos os dias, assim inviabilizando as mesmas.

Fala que atualmente a comunidade não tem por enquanto nenhum projeto que fortaleça a renda das mulheres. Comenta que anteriormente tinha a confecções de artesanatos em lã em parceria com a COOFITEC. Ela já realizava trabalhos em lã com sua mãe como citei anteriormente, mas através da comunidade foi passado a ela como utilizar o tear para a confecções das peças. Após isso começou sua produção, segundo ela, tinha bastante encomendas onde até era enviadas para cidades próximas da região, aumentando assim sua renda.

Para ela, seria bom projetos como esses, utilizando produto que a comunidade já possui, como a lã. Outro ponto importante que ela destacou, que ela atualmente está criando ovinos apenas para o consumo da carne, pois a lã para venda está com preço muito baixo. Levando em conta os gastos necessários para a esquila dos animais e depois achar um meio de locomoção para trazer a lã até cidade para venda, está preferindo queimar o material.

Ana, a atual presidenta da associação, fala que lá não tem integrantes que foram para o mercado de trabalho fora da comunidade, as pessoas da localidade trabalham nas granjas e fazendas da região. A principal dificuldade em relação ao mercado de trabalho para ela é falta de estudo, pois obtivessem mais estudos teria um emprego melhor. Segundo Ana o trabalho da mulher é bem menos valorizado. Assim como as mulheres acima, comenta que a mulher trabalha em casa, muitas vezes trabalha fora, mas o valor é sempre menos. Ela acredita que os homens hoje em dia estão bem mais valorizados para trabalhar, até mesmo dentro da comunidade pois não tem muitos trabalhos remunerados para a mulher realizar. Ana acredita que o valor da Mulher Quilombola dentro da comunidade é voltado para o cuidado da família, sobre a alimentação, mas novamente diz que não é visto.

Ao perguntar se a comunidade alguma fonte de renda para mulheres ela conta que atualmente está sendo formada uma mini padaria, oficina de pinturas em camisetas de temas de enfrentamento ao racismo e ao machismo e chaveirinhos de bonecas negras para venda. Também já trouxeram oficinas de uso de frutas da época para utilização de sucos e geleias. Segundo Ana, muitas das mulheres trabalham com pães, doces, queijos e parte desses conhecimentos tiveram através das oficinas.

FIGURA 4 - Curso de confecções de pinturas em camisetas e chaveiro de bonecas



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Ana comenta que desde o momento que ela foi morar em sua casa, ela o antigo presidente, montaram a associação e sempre estiveram à frente. Ela como presidenta fala que está sempre buscando ajudar e melhorar a comunidade. E cita ações que já forem feitas na comunidade, como: centro de manejo, kit de inseminação para melhoria genética, etc. Ana fala que tudo que trouxe para a comunidade foi através de muita luta e garra e afirma que continuará lutando pois tem muitas coisas para trazer a comunidade. Ela finaliza dizendo que a comunidade é sua vida e o que a move é a vontade de ajudar o outro, trazer informação e inovação, sempre em busca de recursos, projetos e a melhora cada vez mais.

Assim como todas, Rose fala dos trabalhos desenvolvidos pela mulher dentro da propriedade que não são vistos por ter que realizar diariamente. Rose destaca que a comunidade trouxe diversas coisas como: material para construção, ovelhas, árvores frutíferas, máquina de esquila, curso de inseminação, mas tudo voltado para

os homens. Para as mulheres veio camisetas para pintura e está iniciando a construção da padaria, onde mostra grande interesse.

Antônia inicia falando que os quilombolas não são falados e não são lembrados por quase ninguém. Ela acredita que é necessário para eles quilombolas, desenvolverem alguma coisa para irem para frente. Trazer as pessoas da cidade para conhecerem a localidade, mas para isso acontecer, Antônia diz que é necessário a reconstrução da sede, pois não tem muitas coisas e espaço. Organizar grupos para limpeza do local, pois recebem doutores e pessoas de fora no local e para ela fica muito feio a apresentação da sede.

Segundo Antônia, os trabalhos feitos por mulheres embora realizem as mesmas coisa que os homens, a mulher ainda a é necessário cuidar da casa e dos filhos e isso não é visto. E complementa dizendo que Mulher Quilombola é necessário para ampara a família.

Antônia também comenta sobre a realização de pinturas em camisetas e confecções de bonecas e afirma que não tem prática e paciência para o manuseio dos matériais, além de não tem público para a venda desses produtos. O que ela comenta que gostaria em fazer é algo voltado para culinária ou sobre o serviço da mulher rural como, pães, bolos, doces e xergões. E para a venda desses produtos é preciso que pessoas de fora da comunidade conheçam o local. E futuramente realizarem a construção de uma agroindústria.

Rita fala que os trabalhos feitos pelas mulheres quilombolas são valorizados apenas pelas pessoas de fora da comunidade, porque dentro da comunidade isso não acontece. Para ela a importância de fazer parte da comunidade está voltada em relação a receber vários benefícios e completa dizendo que a comunidade não vai pra frente pois não desenvolver nenhum projeto mais elaborado e deveriam investir em recursos e projetos.

Alice comenta que a maioria das vezes os trabalhos das mulheres não são valorizados e essa valorização aconteceria se fossem melhores pagas. Para ela é bom fazer parte da comunidade porque a traz uma série de benefícios. Segundo Alice, a comunidade também não desenvolve nenhum projeto e poderia trazer algo que pudesse dar lucro para todos e que todos gostasse de realizar. Alice fala sobre algo relacionado à o desenvolvimento serviços na localidade, como um curso de

inseminação, para todos incluindo mulheres, curso de mecânica, pois é uma ótima opção para quem já tem um breve conhecimento na área, além de quem não tem na região, e por último falou sobre algo voltada para energia elétrica.

Todas essas mulheres destacam que realizam mais atividades que os homens, porém não são vistas. Além de desenvolverem incontáveis vezes mais atividade do que os homens, não são valorizadas pelo simples fato de, muitas vezes, não serem remuneradas. Essa desvalorização acontece por conta que todas essas atividades domésticas, principalmente, sempre foram desenvolvidas por mulheres, na maioria mulheres negras em vulnerabilidade econômica, sendo então ocultas aos olhos da sociedade, pois possuem enraizados o histórico do mundo de discriminação e desigualdade, ainda muito presente.

## 7. Considerações finais

Ao estudar a Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, em Sant'Ana do Livramento, percebo que não existe esta essência real de comunidade pela maioria dos(as) integrantes que a compõe. Isso causa o desinteresse na participação das reuniões, oficinas e cursos ofertados, além de não alcançando expectativas criadas pelos(as) componentes.

Reconsiderando o que citei na revisão bibliográfica, as comunidades quilombolas estão muito ligadas ao território, à ancestralidade, à família, a suas tradições. A comunidade de Sant'Ana do Livramento se deu início após o patriarca da família ser trazido ao local e após certo tempo ser pago com terras por as suas prestações de serviços. Quando iniciou os processos de iniciativa da comunidade, foi com o intuito de trazer benefícios à comunidade e desenvolvimento da mesma. Entretanto, parte dela, parece não ter mais esse vínculo com a sua identidade, o que precisa ser resgatado. Podemos comentar sobre as mais jovens entrevistadas, ao perguntar qual a importância da comunidade a elas, comentam que gostam de fazer parte por receber uma série de benefícios. Parte das mulheres entrevistadas não souberam o que responder.

Esse desinteresse pode estar sendo causado por conta do início da comunidade em comparação a outras. Vendo pelo o lado de uma futura desenvolvimentista rural, não podemos empregar formas de desenvolvimento visto em outras regiões, pois tem suas diferenças. Mas para que isso não aconteça é necessário a participação e ideias de todas (os).

Eu sugiro o resgate da história do povo quilombola, para que não aconteça a perda da identidade, corrigir e estimular essa força para as próximas gerações. Pois atualmente estão residindo apenas como pessoas do campo, onde vivem e trabalham, sem interação entre um(a) aos(às) outros(as) e com o seu passado também. Após isso seria necessário estimular o coletivo da comunidade. Também conscientizar as mulheres dos abusos e preconceitos por raça, gênero, classe social que já sofreram no trabalho. Pois formas de pagamentos inadmissíveis ou valores pagos, extremantes baixos por conta que era visto a sua precisão, jornadas exaustivas, precariedade nas condições de trabalho, todos esses aspectos vão

contra as condições de vidas das trabalhadoras. Estimulando o coletivo da comunidade, os membros frequentarão mais as reuniões e poderão expressar suas opiniões, pois sem elas não irá acontecer esse desenvolvimento que tanto esperam. Também é preciso que entendam que a pessoa que ocupa o cargo de presidente não é a única responsável pelas questões da comunidade, pois comunidade é um grupo de pessoas onde todas caminham juntas para o alcance de um bem comum.

Futuramente, após esse caminho percorrido, poderiam desenvolver um turismo rural na comunidade, como forma de provocar a interação entre a população rural e urbana. A comunidade poderá comercializar as comidas típicas locais, também de doces, queijos, pães, e artesanatos que desenvolvem, como trabalhos em lã, crochê, as camisetas e chaveiros, tudo produzidos por as mulheres quilombolas. Além de estimular a agricultura familiar, o desenvolvimento da comunidade e dispor de uma fonte de renda com atividades pensadas por essas mulheres, seria uma alternativa para a diminuição da desvalorização e das péssimas condições de trabalhos que essas mulheres enfrentam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIEHL, Paulo Felipe Soares. **Saber popular na comunidade Quilombola Ibicuí da Armada, Santana do Livramento/RS: o uso das plantas medicinais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2015. 40 f.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**, 2003.

COSTA, Jeferson Rocha da. **Território negro em Santana do Livramento: espaços de memória, representações socioculturais e emancipação social da comunidade quilombola Ibicuí da Armada**. Monografia (Graduação)- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2016. 62 f.

FIABANI, Adelmir. **Os quilombos no Rio Grande do Sul: resistência e negação à ordem escravista**. In: Encontro Internacional de História Colonial Cidade da Bahia: mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades. Anais Eletrônicos [do] 6. Encontro Internacional de História Colonial: mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades. Salvador, p 55 a 66, 2016.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984, p. 223-244.

GROSSI, Patricia Krieger. et al. **Mulheres quilombolas e Políticas Públicas: uma análise sobre o racismo institucional**. Revista Diversidade e Educação, v.7, n.especial, p.121-132, 2019.

LEAL, Alzira Janice Peres. **Saúde das Famílias do Quilombo do Ibicuí da Armada, no município de Sant'Ana do Livramento/Rs**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2016. 38 f.

MARTINS, Ana Rita Ilha. **Mulheres quilombolas da pampa: ancestralidade, negritude e resistência**- Santana do Livramento, 2020. Monografia (Graduação)- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2020. 74 f.

MAZURANA, Juliana. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa**- Porto Alegre/ RS: Fundação Luterana de Diaconia, 2017.

MORAIS, Sheiliane Martins de. **Mulheres Quilombolas: construção e reconstrução de territórios e identidades**- Dourados/ MS, 2018. TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.

RUBERT, Rosane A. **Comunidades negras rurais no RS: um levantamento socioantropológico preliminar**- Porto Alegre: RS RURAL; Brasília: IICA, 2005.

## APÊNDICE – ROTEIRO DE QUESTÕES UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

### Roteiro de entrevista

1. Apresentação:  
Nome:  
Idade:  
Filhos:  
Composição familiar:  
Fonte de renda da sua família: (única, marido, aposentadoria, filhos)
2. Histórias e lutas sua e de sua família:
3. O que você aprendeu (saberes, cultura, costumes, força) com as mulheres que fizeram ou fazem parte de sua vida?
4. Quais os trabalhos você faz na sua propriedade (casa, horta, lavoura, animais, cuidado de crianças e doentes, etc).
5. Como é feita a divisão de trabalho entre homens e mulheres na propriedade?
6. Conte quais trabalhos você já realizou ao longo de sua vida fora de casa.
7. Como você era/é tratada nesses trabalhos?
8. Quais eram/são as formas de pagamentos de seus trabalhos?
9. Você ou alguém de sua família já trocou sua mão de obra/ trabalhos por alimento?
10. No seu ponto de vista, quais são as dificuldades que as mulheres quilombolas enfrentam para entrar no mercado de trabalho?
11. Você considera que os trabalhos realizados por vocês (mulheres quilombolas) são valorizados? Porque?
12. E no seu ponto de vista, de que forma pode acontecer essa valorização?
13. Você acha que os trabalhos desenvolvidos por mulheres recebem a mesma importância do que os trabalhos desenvolvidos por homens dentro da comunidade?
14. Para você, qual importância que a mulher quilombola tem dentro da comunidade? Essa importância é vista?
15. Quais as dificuldades que as mulheres encontram dentro da comunidade?

16. Já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher, negra, quilombola?
17. A comunidade desenvolve algum projeto que favoreça a fonte de renda das mulheres da comunidade?
18. Para você, que poderia ser desenvolvido dentro da comunidade para criar/fortalecer uma fonte de renda para mulheres?
19. Qual a importância da comunidade para você?